

RESENHA

AS SOMBRAS DO LITTORIO. O FASCISMO NO RIO GRANDE DO SUL, de Loraine Slomp Giron.

(Porto Alegre: Parlenda, 1994. 171 p.)

*René E. Gertz**

O livro constituiu originalmente a tese de doutorado em História de Loraine Slomp Giron, da Universidade de Caxias do Sul, defendida em 1989 na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Como indica o título, o objetivo da autora é estudar os reflexos da ascensão do fascismo na Itália sobre a mais típica região de colonização italiana do Rio Grande do Sul, a região de Caxias do Sul.

O estudo está dividido em quatro partes. Na primeira é apresentado um quadro da sociedade da região de colonização italiana. Na segunda é traçado um quadro do fascismo na Itália, com considerações sobre a organização do Estado e seus vínculos ou sua política em relação a emigração, escola, ciência, meios de comunicação.

As terceira e quarta partes são as mais substanciais, tendo em vista que é aí que se concentram os resultados da pesquisa inédita da autora. Sob o título *As sombras do Littorio* Loraine mostra a política de "imigra-

* Professor do Departamento de História da PUCRS. Doutor pela Universidade de Berlim.

ção tutelada” promovida pelo governo italiano e a organização de um movimento fascista na região de Caxias do Sul, o qual tenta incorporar a igreja católica, a imprensa regional, a atividade educacional. A seguir é analisada “A nação brasileira ao imigrante”, onde é apresentada a reação da comunidade regional frente à ação fascista, do governo brasileiro frente aos italianos e descendentes sob o pano de fundo das relações Brasil-Itália e os efeitos da implantação do Estado Novo sobre esse contexto todo.

O grande mérito do trabalho reside em abordar esse tema melindroso da situação nas regiões de colonização centro-européia do Rio Grande do Sul durante a década de 1930 não como “ensaísta”, mas como historiadora profissional, recorrendo em sua análise a abundantes fontes primárias e não se contentando com informações superficiais ou indícios vagos para chegar a conclusões bombásticas e supostamente definitivas, como costuma acontecer com o “ensaísmo”. O livro de Loraine é uma grande contribuição para a desmitificação de um tema que até hoje dificilmente consegue ser tratado com isenção.

Pessoalmente li o trabalho com muito interesse, pois permite comparações com meu *O fascismo no sul do Brasil* (Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987), no qual estudo o nazismo, o germanismo e o integralismo nas regiões de colonização alemã. Nesse sentido convém destacar que uma das conclusões de ambos os trabalhos é a de que todos aqueles que se aventuraram a tratar do tema sempre partiram do pressuposto da homogeneidade e do monolitismo das populações das regiões de colonização centro-européia, procurando derivar todos os fenômenos ou acontecimentos políticos do fato de que as populações eram “italianas” ou “alemães”. Evidentemente isso sempre levou a que as argumentações se emaranhassem em contradições insolúveis. Em contraposição, tal como já acontecera com meu trabalho, Loraine não esquece a estrutura social, também na sociedade de origem italiana da região de Caxias do Sul. Assim me deparo, em suas conclusões, com frases que se encontram quase *ipsis litteris* em meu trabalho ao referir-me à situação nas regiões de colonização alemã: “A burguesia passou a agir como se tivesse dupla nacionalidade, vinculando-se às atividades políticas do P(artido) N(acional) F(ascista) a nível internacional, mas mantendo a atividade a nível regional vinculada ao PPR (*sic*). As camadas médias, por outro lado, adotaram uma posição nacionalista brasileira... Na zona rural

os pequenos produtores posicionavam-se a favor do fascismo italiano sem participar de forma ativa do movimento..." (p. 148).

Há outras semelhanças, como a da reação governista após a decretação do Estado Novo, quando são perseguidos "alemães" ou "italianos", mas não "fascistas". E as comparações poderiam continuar. Poderiam ser constatadas também algumas diferenças. E nesse sentido não posso deixar de fazer uma crítica ao trabalho. Loraine trabalha com um conceito restrito de "fascismo". "Fascismo" é para ela aquilo que tem algo a ver com o partido fascista italiano, mesmo que chame a atenção que nesse sentido podem existir diferenças significativas entre o que acontece no lado de lá e de cá do Atlântico. Falta, porém, qualquer referência ao integralismo, mas um simples aprendiz de cientista social ou de historiador classificaria o integralismo de "fascismo". E o integralismo não foi desprezível em Caxias do Sul. Em termos proporcionais, Caxias foi o município mais integralista do Estado, pois nas eleições municipais de 1935 elegeram-se ali três vereadores num total de sete (em Novo Hamburgo elegeu-se mais um – e foi só). Nesse sentido a presença integralista não pode ser ignorada. Apesar de arrolar praticamente a obra completa de Plínio Salgado na bibliografia, as referências ao integralismo em todo o texto são praticamente inexistentes. A certa altura a autora apresenta um diagnóstico que, comparado com as minhas conclusões sobre as regiões de colonização alemã, é totalmente correto: "As camadas médias urbanas envolveram-se com a Ação Integralista Brasileira. Caixeiros, contadores, funcionários de bancos e operários especializados agregaram-se ao movimento de Plínio Salgado que contava com o apoio irrestrito do Arcebispo e dos padres capuchinhos. Vários incidentes ocorridos na região revelam a força do movimento integralista. Nenhum dos integralistas entrevistados sentiu-se atraído pelo fascismo" (p. 114).

Mas permanece no mínimo a curiosidade. Se é verdade que as lideranças nazistas na Alemanha tinham certos preconceitos em relação ao integralismo, sabemos que o governo italiano inclusive contribuía com uma quantia em dinheiro para a AIB. Esse fato por si só justificaria uma abordagem mais aprofundada da presença integralista em Caxias do Sul dentro do contexto analisado pelo livro. Infelizmente a dissertação em Ciência Política de Carla Brandalise *O fascismo na periferia latino-americana: o paradoxo da implantação do integralismo no Rio Grande do Sul* (Porto Alegre: UFRGS, 1992), que se concentra, por sua vez,

exclusivamente no integralismo, também não consegue lidar satisfatoriamente com a questão.

Ficamos, portanto, na expectativa de que a própria Loraine venha um dia a consertar essa que considero a principal falha desse seu grande e consistente trabalho.